

**RE**ENCONTRO  
literatura

**Machado de Assis**

**Memórias  
póstumas de  
Brás Cubas**

*Adaptação de*  
**José Louzeiro**

*Ilustrações de*  
**Rogério Borges**



editora scipione

*Gerente editorial*  
Sâmia Rios

*Editora*  
Samira Youssef Campedelli

*Assistente editorial*  
Dulce S. Seabra

*Preparadora*  
Ana Paula Munhoz Figueiredo

*Revisoras*  
Cristina Yamagami,  
Ana Paula Nunes Nunes,  
e Nair Hitomi Kayo

*Coordenadora de arte*  
Maria do Céu Pires Passuello

*Diagramador*  
Jean Claudio da Silva Aranha

*Programador visual de capa e miolo*  
Didier Dias de Moraes



**editora scipione**

---

Avenida das Nações Unidas, 7221  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br  
e-mail: atendimento@scipione.com.br

---

2015

ISBN 978-85-262-8033-5 – AL

ISBN 978-85-262-8034-2 – PR

CAE: 249470 AL

Cód. do livro CL: 737609

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

5.<sup>a</sup> impressão

*Impressão e acabamento*



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Assis, Machado de, 1839-1908

Memórias póstumas de Brás Cubas; adaptação de José Louzeiro. – São Paulo: Scipione, 1998. (Série Reencontro Literatura)

1. Literatura infantojuvenil 2. Romance brasileiro. I. Louzeiro, José, 1932-. II. Título. III. Série.

98-2407

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

# SUMÁRIO

<i>Nota do adaptador</i> . . . . .	5
<i>Quem foi Machado de Assis?</i> . . . . .	6
Ao leitor . . . . .	8
Óbito do autor . . . . .	9
O emplasto . . . . .	10
Genealogia . . . . .	12
A ideia fixa . . . . .	13
O delírio . . . . .	15
Naquele dia . . . . .	18
O menino é pai do homem . . . . .	19
Um episódio de 1814 . . . . .	21
Um salto . . . . .	25
O primeiro beijo . . . . .	27
Marcela . . . . .	28
Do trapézio e outras coisas . . . . .	29
Surpresa . . . . .	31
A bordo . . . . .	33
O bacharel . . . . .	34
O carroceiro . . . . .	35
O filho pródigo . . . . .	36
O desdém dos finados . . . . .	38
Na Tijuca . . . . .	38
Retrato sem retoque . . . . .	41
A propósito de botas . . . . .	46
Alucinação . . . . .	48
Marquesa, marquês . . . . .	50
A herança . . . . .	51
O recluso . . . . .	52
Virgília casada . . . . .	53
É minha! . . . . .	55
O embrulho misterioso . . . . .	56

O velho diálogo de Adão e Eva . . . . .	57
Momento oportuno . . . . .	59
Destino . . . . .	59
Fujamos! . . . . .	63
Lágrimas e risos . . . . .	65
Olheiros e escutas . . . . .	66
A casinha . . . . .	68
Dona Plácida . . . . .	68
Amor em fogo brando . . . . .	69
A presidência . . . . .	71
A reconciliação . . . . .	72
O cimo da montanha . . . . .	75
Canto lírico . . . . .	76
A carta anônima . . . . .	77
O caso provável . . . . .	78
Distração . . . . .	79
Era ele! . . . . .	80
Jogo perigoso . . . . .	82
O almoço . . . . .	84
Humanitismo . . . . .	85
Opinião recusada . . . . .	86
Epitáfio . . . . .	86
Desconsolação . . . . .	87
Formalidade . . . . .	88
Cinquenta anos . . . . .	89
Um pedido de Virgília . . . . .	89
Força ideológica . . . . .	91
A semidemência . . . . .	94
Das negativas . . . . .	95
<i>Quem é José Louzeiro?</i> . . . . .	96

## NOTA DO ADAPTADOR

**A** adaptação de um clássico é, antes de tudo, um gesto de admiração pelo escritor, uma tentativa de divulgá-lo para jovens leitores.

Adaptar o romance machadiano de minha preferência, lido e relido tantas vezes, foi tarefa árdua, porém muito gratificante. As maiores dificuldades surgiram nos momentos das necessárias elisões, em função de ter de selecionar os elementos romanescos e, também, da atualização de certas palavras e até de expressões inteiras.

Trabalhamos a partir da síntese de alguns trechos da obra e, assim mesmo, após detidas reflexões, a fim de preservar o vigor narrativo do autor, sua poderosa criatividade e a fina ironia que permeia o texto, do começo ao fim.

Na verdade, o processo de redução terminou sendo a leitura mais aprofundada que já fiz das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, marco do Realismo no Brasil.

*José Louzeiro*

## QUEM FOI MACHADO DE ASSIS?

**F**ilho de um mulato, pintor de paredes, e de uma senhora portuguesa, lavadeira, aquele que seria o principal escritor brasileiro nasceu em uma casa pobre da rua Nova Livramento, situada no morro de mesmo nome, no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839.

Entre os anos 40 e 50 do século XIX, em pleno Segundo Império, Machado de Assis era um garoto doentio, magro, franzino, que podia ser visto vendendo doces e balas feitos por sua madrastra para reforçar o parco orçamento da família.

Mesmo assim, aprendeu francês com uma senhora proprietária de uma padaria no bairro de São Cristóvão, onde Machado residia. O futuro escritor não perdia a oportunidade de ler e de escrever. Frequentou uma escola dirigida por senhoras, estudando “de favor”, porque Maria Inês, sua madrastra, era cozinheira do colégio. Mais tarde, passou a frequentar a gráfica de Paula Brito, lugar em que se reuniam muitos intelectuais. Como aprendiz de tipógrafo, Machado conviveu com escritores célebres, como Manuel Antônio de Almeida, o famoso autor de *Memórias de um sargento de milícias*, que muito haveria de ajudá-lo futuramente.

Com 19 anos, Machado foi contratado por Paula Brito como revisor e caixeiro na mesma tipografia em que estivera como aprendiz. Nessa época, além de colaborar em vários jornais, recebeu o convite de Quintino Bocaiúva para escrever nos periódicos *Diário do Rio de Janeiro* e *Semana Ilustrada*. Contava com 25 anos quando publicou seu primeiro livro: *Crisálidas*.

A intensa colaboração de Machado de Assis na imprensa vai-lhe fazendo aos poucos a fama. São contos, crônicas, crítica teatral, para um público que começava a se tornar muito exigente – as mulheres e os estudantes.

No ano de 1867 ingressou no funcionalismo público, ocupando um cargo no *Diário Oficial*. Já era então um escritor respeitado e homem sério, sóbrio, inteligente. Só faltava se casar, o que logo aconteceria.

Casou-se com Carolina Xavier de Novais no fim do ano de 1869. O casal optou por não ter filhos, vivendo ambos um para o outro durante 35 anos, até que a morte os separou, em 1904.

Machado de Assis foi um funcionário público de carreira exemplar. No campo literário, além de grande escritor, tornou-se presidente da Academia Brasileira de Letras, desde 1897, ano de sua fundação.

Faleceu aos 69 anos de idade, em 1908, no Rio de Janeiro. Deixou considerável obra, em que se destacam os romances *Iaiá Garcia*, *Helena*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Memorial de Aires*, além dos livros de contos: *Histórias da meia-noite*, *Papéis avulsos* e *Relíquias da casa velha*, entre outros. Páginas que resistem.

# Ao leitor

**A**parentemente, eu estava bem de saúde, com um rico projeto a pôr em prática, quando adoeci e me recolhi ao leito. Por maiores que fossem os cuidados, acabei morrendo às quatorze horas de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869. Tinha sessenta e quatro anos, era solteiro, morava em uma chácara, no Catumbi, deixei trezentos contos de réis no banco.

Pouco antes de fechar os olhos, entre crises de tosse e febre intermitente, assumi o compromisso comigo mesmo de, tão logo chegasse ao mundo das almas, escrever minha biografia. Uma dúvida me perturbava: a quantos viventes interessaria a obra de um morto? A cinquenta, vinte ou dez?

Stendhal dizia ter feito um romance para cem leitores. Mentira? Verdade? Preocupado com essa declaração, e rezando para ser mais feliz que meu colega francês, instalei-me na morada de muitas portas, no vale da Eternidade, e lancei-me ao trabalho, com a pena da galhofa e a tinta da melancolia. Título do livro: *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

## Óbito do autor

**E**scolhido o título, outra dúvida: começaria as *Memórias* pelo princípio ou pelo fim? Trataria em primeiro lugar do meu nascimento ou da minha morte? Pouco afeito aos usos e costumes no “além”, não sabia sequer se deveria assumir a postura de autor defunto ou de defunto autor. Vencida a fase de adaptação, passei a escrever, lembrando da maldita corrente de ar, responsável por tudo.

Meu último dia entre os viventes foi de chuva. Os pingos escorriam pelas vidraças do quarto, transformado em enfermaria. Só não conseguia recordar se a sexta-feira era 13. Ainda que a data não fosse relevante ao meu trabalho, bem que gostaria de saber. Afinal, conforme os supersticiosos, havia muita diferença entre uma sexta-feira qualquer e aquela, que despontava no décimo terceiro dia do temido mês de agosto, envolta nos negros véus de fortes ventos, fazendo as portas baterem e assanhando os gatos pretos nas esquinas.

Embora tivesse trezentos contos de réis no banco, como já foi dito, somente onze amigos se dispuseram a formar o minguido cortejo. Também, com aquela chuva, quem se atrevia a sair de casa?! O décimo primeiro acompanhante, devoto de Nossa Senhora das Metáforas, optou pela despedida solene.

“Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras, tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”, disse o orador com voz trêmula de emoção e frio.

Nesse momento entendi, no silêncio do caixão, que eu estava morto de verdade. Irremediavelmente, morto. Cessara o palpitar da vida no meu peito, entre o soluçar das damas e o pigarrear dos homens. Por testemunhas dos meus instantes finais sobre o planeta, só as lúgubres casuarinas, árvores de cemitério.

Num derradeiro esforço de manter-me ligado aos vivos, tive vontade de saber da minha *causa mortis* – o que acabei não conseguindo. Se um inesperado golpe de ar fora responsável pela doença, é oportuno lembrar que meu estado geral agravou-se, em face de uma ideia grandiosa e útil, coisa que insisto em considerar fruto da contradição, mas que se encaixará como luva nesta narrativa.

## O emplasto

Foi passeando pela chácara que tive a tal ideia; dessas que mobilizam a cabeça, o tronco, os membros e a própria alma. Deslumbrado com as plantinhas da medicina caseira, que brotavam entre roseiras e gerânios, lembrei-me: por que não criar o emplasto anti-hipocondríaco, a fim de livrar a humanidade da onda de tristeza que se avolumava? Imaginei uma exposição de motivos ao ministro da Saúde, outra aos senhores congressistas, explicando que havia descoberto um santo remédio, capaz de manter o povo feliz e sorridente, apesar das medidas antipopulares que punham em prática quase todos os dias.

Agora, habitante do “outro mundo”, faço a autocrítica de meus últimos procedimentos. Começo pela sede de lucros e de glórias que eu tinha. Quem quisesse mais saúde, que tratasse de conseguir dinheiro, a fim de pagar pelo supremo benefício do remédio milagroso.

O *Emplasto Brás Cubas* seria comercializado em vidros e latinhas. Os jornais publicariam minhas fotos e declarações que, também, apareceriam nas bulas de letrinhas miúdas, tão miúdas, que parentes e aderentes dos enfermos não conseguiriam ler.